

***EM DIÁLOGO COM ANDRÉS QUEIRUGA:
UMA TEODICEIA DE "VIA LARGA"***



***Yvette K. Centeno
Universidade Nova***

Será útil, pelo menos a um leigo, como é o meu caso, voltar a ler o *Génesis* 1 e 2, visto que no Antigo Testamento se lançam os dados, por assim dizer, de uma visão do mundo criado por um Deus que sentiu (devido a um impulso de Amor infinito? Ou simplesmente de um Impulso determinado e determinante que a Ciência acabará por definir?) a necessidade de se rever num mundo finito, saído da sua energia, do seu VERBO, para se descobrir a si próprio.

A Génesis

1 - As Origens do Mundo e da Humanidade

1. A Criação e a Queda

Primeira narrativa da criação

"Ao princípio Deus criou o céu e a terra. Ora a terra estava vaga e vazia, as trevas cobriam o abismo, o espírito de Deus planava sobre as águas. Deus disse: 'Haja luz' e houve luz. Deus viu que a luz era boa e Deus

¹ Professora Catedrática de Literatura Alemã e Comparada da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Directora do Gabinete de Estudos de Simbologia e do núcleo de estudos "Teatro e Sociedade". Anteriormente foi directora do I Festival Internacional de Teatro (1991) e do Serviço ACARTE da Fundação Calouste Gulbenkian. Desempenhou cargos como consultora e comissária na Comissão de Qualidade do Cinema; Comissão Executiva da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura; Comissão para as Comemorações do Cinquentenário da morte de Fernando Pessoa (em Londres); Grupo de peritos da Comissão das Comunidades Europeias para a tradução de obras literárias contemporâneas; Conselho Cultural da Fundação Culturgest. Traduziu obras de, entre outros, Stendhal, Goethe, Shakespeare, Brecht, Celan e René Char. É Chevalier dans l'Ordre des Palmes Académiques por decreto do Primeiro Ministro Francês (1997) e foi condecorada com a Verdienstkreuz 1. Klasse, atribuída pelo Presidente da República Federal da Alemanha (1994). Recebeu vários prémios, tais como o Prémio Jacinto do Prado Coelho, (Associação dos Críticos Literários), 1984 (Fernando Pessoa: o Amor, a Morte, a Iniciação) e o Prémio de Poesia da revista *Mulheres*, 1984 (Perto da Terra). Tem vasta obra publicada nas áreas do teatro, ficção, literatura infantil, poesia e ensaio, destacando-se *Literatura e Alquimia* (1987), *O Pensamento Esotérico de Fernando Pessoa* (1990); *A Oriente* (1998), *Fernando Pessoa, Magia e Fantasia* (2003). É autora dos conceituados *Blogs* "Literatura e Arte" e "Simbologia e Alquimia".

separou a luz e as trevas. Deus chamou à luz 'dia' e às trevas 'noite'. Houve uma tarde e uma manhã: primeiro dia.

Deus disse: 'Haja um firmamento no meio das águas e que ele separe as águas das águas', e assim se fez. Deus fez o firmamento, que separou as águas que estão sob o firmamento das águas que estão acima do firmamento. Deus chamou ao firmamento 'céu'. Houve uma tarde e uma manhã: segundo dia.

Deus disse: 'Que as águas que estão sob o céu se reúnam numa só massa e que apareça o continente' e assim se fez. Deus chamou ao continente 'terra' e à massa das águas 'mares', e Deus viu que isso era bom. "

Segue-se uma ordenação dos seres criados, que devem prosperar na terra, e dos luzeiros do céu, que para além de fornecer luz ao recente universo criado, separariam também a noite do dia; temos depois os seres que vão fervilhar nas águas, bem como as aves que povoarão os céus, e por fim, na terra, a abundância de seres vivos segundo cada espécie, selvagens e domésticos, sem esquecer os répteis do solo, e tudo o que foi ordeiramente criado Deus considerou 'que era bom'.

E finalmente, a criação do homem:

"Deus criou o homem à sua imagem,
à imagem de Deus ele o criou,
homem e mulher ele os criou".

Ao homem será entregue tudo o que antes fora criado. E mais uma vez Deus entendeu que era 'muito bom', e deste modo se encerra, ao sexto dia, o ciclo da criação. Ao sétimo dia Deus descansou da sua obra.

Não esqueçamos que, ao princípio, o que havia eram trevas, cobrindo um abismo, e que o espírito de Deus planava sobre as águas (na tradução portuguesa diz-se 'um vento' de Deus). Podemos imaginar um Sopro criador, o Verbo, seguindo, por exemplo, São João: ao princípio era o Verbo...

O que a narrativa nos propõe é uma criação que Deus define como boa, na sua ordenação, a partir de um caos, uma massa informe, primordial, e que a energia do seu Sopro anima em cada um dos dias. Teósofos como Boehme falarão de *Urgrund*, (forma primordial), poetas como Celan, de *Ungrund*: Sem-forma, imagem mais forte e abissal, como um Sem-fundo.

Podemos ver como a existência de alguma imperfeição, de algum mal, não se verifica, neste acto de criação. Tudo subordinado a um homem que, sendo andrógino, também poderemos considerar perfeito: não há nele a divisão que se verifica no *Génesis 2*.

É no *Génesis 2* que se levanta o problema, por via da proibição feita ao homem de não comer da árvore do conhecimento do bem e do mal: "porque no dia em que dela comeres terás de morrer".

Nesta segunda narrativa, Deus tem nome, é Yahwé, surge quase tão humanizado quanto o ser que moldou do barro, Adão (que significa homem) dando-lhe nome, tanto quanto a Eva (que significa mulher) tirada de uma costela dele.

E ao contrário do Deus primordial que em *Génesis 1* vemos glorificar a sua obra, este aponta para a existência de um perigo: há uma árvore que em si desdobra o bem e o mal, e há uma proibição feita ao homem: não comer do seu fruto. A serpente, descrita como o mais astuto dos animais dos campos, será a voz da tentação.

Imaginamos que se vive ainda num tempo e num espaço que são perfeitos, embora limitados - um Jardim é já um espaço ordenado dentro de um espaço mais livre e mais vasto, a terra inteira, e toda ela subordinada ao homem.

Neste espaço, ainda impoluto, vive o homem (andrógino, como em G. 1 ou já dividido em dois, como em G. 2) envolto na luz perfeita e boa do primeiro Deus que o criou, à sua imagem e semelhança. Mas espreita-o a tentação, e segue-se a Queda.

Poderemos agora pensar que Deus/Yahwé criando a árvore da tentação, consentiu na existência do mal? Um Mal primordial, como a treva do abismo?

Tudo o que fizera e apreciara primeiro, em contemplação amorosa, desaparecia agora, neste outro gesto?

Podemos simplesmente dizer que o mal, existindo logo ali, no Jardim do Éden, e apontado por Deus na árvore que plantou, é uma realidade inelutável, indiscutível, presente *ab initio* e, como tal, eterna enquanto fôr eterno o universo criado?

Mas o que podemos é também evocar a questão do livre-arbítrio: Deus avisou, o homem decidiu fazer o contrário, decidiu desafiar a indicação (a ordem?) recebida.

Com o risco que correu caminhou para a finitude que é a morte, e no Éden não existiria. Em contrapartida aprendeu que há bem, que há mal, e que há uma capacidade de escolha. Adquiriu um saber que não tinha. E uma nova consciência: de si, do mundo para onde foi expulso, e da relação com um Deus que afinal castigava...

É assim que chegamos à questão do mal, inato no universo criado (G. 2) e inato no homem, em consequência do seu primeiro gesto temeroso. Por querer assemelhar-se a Deus, o homem é castigado, como acontece com os andróginos de Platão, no célebre *Banquete*. Pecado de orgulho?

Assistiremos também ao primeiro dos primeiros crimes, o de Caim assassinando o seu irmão Abel.

Estamos a transitar para uma nova questão, a do comportamento do homem, face às escolhas que tem, às decisões que toma.

O *Génesis 2* é uma narrativa humana, demasiado humana, nos seus contornos, ainda que carregada de simbolismo. Mesmo Yahwé/Deus mais parece, ao lidar com os seus, um chefe ou um rei poderoso, não uma divindade única, de cuja mão nasce a luz, ordenando o caos pré-existente e transformando-o em cosmos, por muito misterioso que tudo nos pareça.

Se, na Queda, o mal nasce da tentação de Adão e Eva, em Caim o mal nasce do seu sentimento de inveja em relação a uma preferência que julga existir por parte de Yahwé: o mal de raiz humana, demasiado humana (brincando com Nietzsche). E, em verdade, não de raiz divina. Deveríamos talvez considerar aqui a noção de pecado: o que é pecar? Desobedecer? E do pecado resultaria todo o mal existente?

A noção de pecado tem de ser vista também em função da consciência, e da consciência moral. O sentido do bem faz parte da nossa consciência moral. Já os ditames

de uma ou outra religião, incluindo também a cristã e a católica, se sobrepostos à moral ficam diminuídos no seu mérito.

Alguma razão teve Lutero, na questão das Indulgências... e nenhuma tiveram os padres da Inquisição, quando acusavam hereges e judeus, lançando-os para a fogueira.

A questão do bem e da moral não se compadecem com os excessos das religiões, quando e onde eles existam.

O mal nasce de uma perversão da relação com o outro, seja ele um próximo, um grupo, uma sociedade ou um povo no seu todo. Uma perversão humana, num mundo humano, na sua plena dimensão histórica, temporal, imperfeita.

Seria de considerar o que Lessing escreve na sua *Educação do Género Humano*, para explicar a evolução da humanidade ao longo dos tempos, passando do animismo ao politeísmo primitivo e deste ao monoteísmo judaico, e ao cristianismo seguinte, para - na esperança Joaquimita da Terceira Idade - se chegar à era do Espírito Santo, da perfeição desejada, não tanto um mundo idealizado, mas um mundo material (historicamente existente, como nota Marjorie Reeves, no seu estudo sobre o Joaquimismo, *The Influence of Prophecy in the Later Middle Ages, A Study in Joachimism*, 1969) de igualdade entre todos, e em que tudo é fraternalmente partilhado, sem distinção de classes. Nas festas portuguesas do Espírito Santo, nos Açores, há ainda hoje vestígios da festa da partilha.

Mas não admira que no século XII a Igreja não visse com bons olhos a doutrina joaquimita, pelos perigos da revolta social que podia desencadear. É às escondidas que o Padre António Vieira, preso pela Inquisição, em Coimbra, escreve a um amigo que lhe faça chegar às escondidas o *Livro das Figuras* do Abade Joaquim de Flora.

Mudaram os tempos, felizmente.

Na impossibilidade de considerar para já a existência de um mundo perfeito, propõe Andrés Queiruga uma via larga para a teodiceia na Modernidade, que não se exima a discutir a existência do mal, mas que não reduza a discussão às simples (ou mais simplistas) conclusões de que o mal vem de Deus, tem raiz na árvore primordial, na tentação e na Queda e contra o mal, sendo assim, nada há a fazer. Pecou-se, pagou-se. Tudo o mais é consequência.

Ainda tenho comigo o livrinho, escrito para as crianças, que nos era dado no colégio das Doroteias francesas que frequentei em Buenos Aires, dos seis aos dez anos, até voltarmos para Lisboa.

É um livro pequeno, em cada página de explicação da doutrina há uma gravura que ilustra, seja a criação do mundo, a oração ao Anjo da Guarda, ou ao Menino Jesus, os pormenores da Santa Missa, mas acima de tudo as figuras do Anjo bom e do Anjo mau, a negro, o da tentação do demónio, a que se devia fugir. É sempre para a desobediência, aos ditames da Igreja, ou às ordens dos pais, que se chama a atenção, ensinando ao mesmo tempo como pedir ajuda ao Anjo, ou ao Menino, em caso de aflição maior. Destaca-se, entre as páginas do livrinho, uma gravura maior, do Menino Jesus de Praga, que se terá dirigido a uma carmelita de Praga, dizendo-lhe: "quanto mais me honrardes mais vos favorecerei". Segue-se uma oração, que poderia conceder a graça, ou o milagre pedido.

Guardo com ternura este livrinho, mas já na catequese dos meus filhos, que são agora homens e pais de filhos crescidos, sei que este livrinho não teria feito sentido, por demasiado ingénuo. No meu livrinho diz-se que tinha de aprender o catecismo porque me abria as portas do céu. Mas já no tempo dos meus filhos pensava-se mais em brincar do que nas portas do céu... e hoje não faço ideia de como se faz a catequese, na Igreja, pois haverá muitas perguntas, e muito menos inocência, mesmo na idade pequena.

É com a consciência plena da mudança dos tempos que um teólogo como Andrés Queiruga quer propôr uma nova abordagem a uma teodiceia que acompanhe, na medida do possível, a mudança que se verifica (e no plano da teologia moderna também se impõe).

Nos vários pontos do seu ensaio discute a teodiceia "antes" da ruptura moderna, para chegar à "necessidade de uma teodiceia actualizada" e à sugestão da "via larga", mais adequada à Modernidade.

O mundo não é perfeito, e de se constatar, desde sempre, a sua imperfeição, resulta a discussão da existência do mal no mundo, sua origem e mesmo sua "necessidade", seu fundamento. O que faz Deus, Criador, perante este mal no mundo? Ou o que se espera dele, que se faça?

Façamos uma leitura cuidadosa, pausada, do seguinte raciocínio do autor sobre a "impossibilidade de um mundo perfeito":

"A secularização pôs a descoberto um factor decisivo (...) inegável: "o carácter não imediatamente religioso, mas simples e radicalmente humano do problema do mal que afecta toda a pessoa enquanto tal (...). Todos nós, crentes ou não, estamos sujeitos à sua mordedura: nascemos a chorar e no fim espera-nos a morte. E a meio do caminho ninguém escapa aos seus embates, em forma de culpa ou sofrimento, de mal cometido ou mal sofrido, catástrofe natural ou crime humano".

Trata-se, como diz, e vou resumindo, de um problema comum, que antecede toda a justificação religiosa ou irreligiosa, pois seja qual fôr a reacção, será sempre uma resposta posterior ao acontecimento.

Mas o que melhor explica a situação é, na opinião de Andrés Queiruga, "o reconhecimento da autonomia do mundo e de todos os seus funcionamentos". Quando se pergunta de onde vem o mal, se de Deus ou do Demónio (o meu pequeno catecismo separava bem, nas gravuras, o bem do Anjo do outro, o mal do pecado oriundo da tentação do Demónio...). Sabemos que, hoje em dia, a figura do Diabo pertence a um imaginário ancestral, primitivo, e que a discussão do mal no mundo radica em algo de mais profundo, a exigir, não havendo resposta imediata, pelos menos uma ilibação da culpa atribuída ao Criador.

A resposta de Queiruga é directa: o mal provém do mundo em si mesmo, e não de algum factor (divino ou maléfico) exterior a ele e podemos continuar a ler:

"Ninguém pensa hoje em dia em anjos ou demónios para lhes atribuir a boa colheita ou o mal da peste. Todo o mal tem uma causa no mundo. E mais, cada vez se torna mais claro que a aparição do mal é

inevitável no mundo tal como se nos apresenta e o conhecemos. Nem a evolução cósmica pode avançar sem catástrofes e sofrimentos humanos e animais, nem a evolução social pode realizar-se sem lutas, desigualdades, opressões, injustiças".

Perante esta afirmação tão verdadeira e tão categórica, pode um cristão convicto colocar novas questões?

Se assim é, por que criou Deus o mundo? Um mundo que é finito, que é imperfeito por ser finito, entregue à imperfeição dos humanos, também eles obra da mão de Deus?

Sugerir que existe uma bondade infinita de Deus que "desde a revelação fundadora do Êxodo até à culminação em Jesus aparece como fomentando o bem e lutando contra o mal, como um Anti-mal (...) E se revelou de modo definitivo em Jesus como critério último da aceitação divina de "dar de comer ao faminto e vestir o nu".

Mas surge nova interrogação: se a resposta do amor e da bondade de Deus surge em Jesus e com Jesus, que Deus é o do Antigo Testamento, o Yahwé/Elohim que salvou alguns, mas castigou tantos, que parecia discutir de igual para igual, não se dando ao respeito, por exemplo, no mal que infligiu a Job? A seu lado o mal esteve sempre presente.

Podia citar Jung, que num longo ensaio sobre esta questão entende que o Deus primordial precisou de se enfrentar e confrontar consigo mesmo na humanidade de Job, para adquirir precisamente a consciência de Si, no outro, que de outro modo lhe faltaria, sendo uma diminuição. O momento seguinte seria então a culminação máxima do nascimento de Jesus, em que Deus se fez homem, para salvação de toda a humanidade.

Relembro Jean Guitton que li outrora e cuja leitura me fez sentir como que um passo adiante, uma revelação deste mistério supremo.

Pois alguém poderia dizer: para quê e para quem nasce Jesus, se Deus já é, em si, uma totalidade perfeita? Jesus nasce, precisamente, para Deus, para que o Deus Primeiro se complete e se revele na sua totalidade, divinal e terreal, humana.

Eu não diria facilmente com Andrés, que "Deus criou o mundo porque vale a pena". Antes diria que a Criação, se surge, é porque a dado momento, na materialização do mistério do cosmos, se tornou necessária a sua manifestação visível, no tempo e no espaço, pela mediação de um criador a que chamamos Deus.

Mas na verdade o Mistério permanece.

Só tem sido rompido, a vezes, por um ou outro místico que, numa ruptura vertical de entrega e fusão, transcende a finitude e penetra na glória anunciada de um Deus todo de amor.

Diria que não é o mundo, mas Deus que vale a pena.

RESUMO

Pretende-se neste artigo apresentar uma reflexão que o Professor e Teólogo Andrés Queiruga faz sobre uma nova possibilidade de entender a nossa relação com um Deus mais próximo, porque se poderia chegar a Ele por vias não apenas dogmáticas mas sobretudo Filosóficas e Éticas. A sua proposta é de via larga, isto é aberta a novas formas de conhecimento, sem, contudo, eliminar o Humanismo e a Fé da proposta cristã.

PALAVRAS-CHAVE

Queiruga; Teodiceia; Via larga

ABSTRACT

The work of Andrés Queiruga is here presented as a new approach to theological problems, in a way that brings to our life and religious experience the dimensions of Philosophy and Ethics as they appear throughout the times, when we problematize the essential questions pertaining to our understanding.

KEY-WORDS

Queiruga; Theodicy; New theological knowledge